

## GEOGRAFIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Jailton dos Santos Andrade <sup>1</sup>

### RESUMO

As relações entre os diferentes Estados formalmente soberanos constituem o que se chama de relações internacionais com suas múltiplas expressões no sistema-mundo contemporâneo. Ao longo do tempo diferentes nações alcançaram posições de poder capazes de influenciar outras nações a adotarem posturas políticas e práticas econômicas estranhas às suas próprias aspirações, mas em consonância com interesses externos expressando as relações assimétricas de poder que compõem o sistema-mundo e suas determinações. As relações de poder se dão no campo comercial, econômico, político ou militar ou ainda, quando necessário, com a conjugação de todos esses campos no intuito de produzir ajustes ou acomodações no sistema-mundo às determinações da potência hegemônica naquele contexto. É importante destacar que as nações poderosas se valem, muitas vezes, de um arsenal de instituições (como a ONU no campo político ou a OTAN, por exemplo, na vertente militar) para o exercício de sua hegemonia. Ao mesmo tempo, observa-se diferentes reações ensaiadas pelas nações subalternas em resposta às imposições ao comércio ou relações econômicas altamente desfavoráveis às nações periféricas. Produz-se assim diferentes arranjos interestatais que visam melhor se (re)posicionar no conjunto das relações internacionais ao passo que buscam, também, atender às suas necessidades enquanto nações periféricas historicamente exploradas. Este trabalho resulta de extensa revisão bibliográfica de autores diversos que versam sobre as diferentes modalidades de relações internacionais que somados à experiência docente permitiram produzir essa análise das relações internacionais.

**Palavras-chave:** Relações internacionais, Sistema-mundo, Novos atores no cenário internacional.

### RESUMEN

Las relaciones entre diferentes Estados formalmente soberanos constituyen lo que se llama relaciones internacionales con sus múltiples expresiones en el sistema-mundo contemporáneo. Con el tiempo, diferentes naciones han alcanzado posiciones de poder capaces de influir en otras naciones para que adopten posturas políticas y prácticas económicas ajenas a sus propias aspiraciones, pero en línea con intereses externos que expresan las relaciones de poder asimétricas que conforman el sistema-mundo y sus determinaciones. Las relaciones de poder se dan en los campos comercial, económico, político o militar o, cuando sea necesario, con la combinación de todos estos campos para producir ajustes o acomodados en el sistema mundial a las determinaciones de la potencia hegemónica en ese contexto. Es importante destacar que las naciones poderosas suelen hacer uso de un arsenal de instituciones (como la ONU en el ámbito político o la OTAN, por ejemplo, en el ámbito militar) para ejercer su hegemonía. Al mismo tiempo, observamos diferentes reacciones intentadas por las naciones subordinadas en respuesta a imposiciones sobre el comercio o las relaciones económicas que son altamente desfavorables para las naciones periféricas. Esto produce diferentes acuerdos interestatales que apuntan a (re)posicionarse mejor dentro del conjunto de relaciones internacionales y al mismo tiempo buscan satisfacer sus necesidades como naciones periféricas históricamente explotadas. Este trabajo es resultado de una extensa revisión bibliográfica realizada por diferentes autores que abordan los distintos tipos de relaciones internacionales que, combinada con la experiencia docente, nos permitió producir este análisis de las relaciones internacionales.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, jailtongeo@gmail.com;

## **INTRODUÇÃO**

Relações internacionais são relações de poder entre as nações-Estados que compõem o sistema-mundo. A análise histórica das relações entre os países mostra um processo dinâmico de ascensão e declínio do poder de atuação de certas nações-Estado no conjunto das relações internacionais em cada contexto histórico. Atualmente, presenciamos a atuação hegemônica dos Estados Unidos da América, disciplinando boa parte das relações internacionais sob sua influência direta ou indireta. Contudo, a ascensão de novo atores e novos arranjos interestatais de cunho comercial e econômico e até mesmo militar, fora da influência direta dos EUA, sinaliza para um futuro multipolar, relativizando a hegemonia atual dos Estados Unidos como “xerifes” do mundo.

O presente trabalho busca analisar, brevemente, o contexto das relações internacionais ao longo do século XX e sua dinâmica atual. O tema aqui apresentado é resultado de inúmeras pesquisas acadêmicas na pós-graduação em geografia e no exercício da docência como professor de geografia. O conteúdo aqui abordado é extremamente importante na busca da compreensão das complexas relações internacionais e como elas se modificam com o tempo.

## **METODOLOGIA**

O itinerário metodológico do presente trabalho resulta de inúmeras pesquisas acadêmicas e levantamentos bibliográficos, análise documental e da experiência docente deste pesquisador. Cabe destacar aqui que as pesquisas realizadas na pós-graduação em geografia, somadas ao exercício da docência, nos possibilita fazer uma leitura consistente das relações internacionais e sua dinâmica no tempo e no espaço. Nesse sentido, cabe destacar que as relações internacionais são produto e processo ao mesmo tempo, assinalando o caráter dinâmico das relações de poder no mundo a partir do contexto em que se inserem.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O arcabouço teórico da pesquisa aqui apresentada tem como base um elenco de autores que versam sobre as relações internacionais com distintas abordagens teórico metodológicas

em seus trabalhos autorais e seus diferentes modos de interpretar seus recortes da realidade na qual se debruçaram.

Nesse sentido, buscamos as contribuições de autores com diferentes pontos de vistas teóricos como Guillaume Devin e sua análise das relações internacionais abordando os diferentes mecanismos de pressão e controle das nações centrais sobre aquelas mais frágeis e, portanto, de menor expressão política e econômica. Marcos Antônio Acco trás as discussões sobre os Estados, o sistema-mundo capitalista e o sistema interestatal, cuja abordagem se baseia em Emmanuel Wallerstein. De forma semelhante, Edimilson Costa nos apresenta a discussão sobre a globalização, o capitalismo contemporâneo e suas consequências para o sistema internacional. João Rua nos provoca a pensar sobre a atuação dos Estados Unidos ao longo do século XX e XXI ao mesmo que indaga sobre a permanência ou não desse país como potência hegemônica.

Um autor seminal de extrema importância no debate das relações internacionais entre centro e periferia é Rui Mauro Marini, que juntamente com Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra problematizam as condições históricas de submissão da América Latina em relação aos centros de decisão e centralização do capital. A contribuição desses autores são um marco nos estudos sobre a América Latina em torno dos quais outros autores também se debruçaram e ampliaram a discussão. É exatamente sobre essa temática que Cláudio Katz e Mathia Luci, ao revisitar a obra de Marini tratam em seus trabalhos. Quental e Porto-Gonçalves também se debruçam sobre a América Latina e a colonialidade do poder, auxiliando na compreensão da condição desse subcontinente na estrutura centro – periferia. Nessa mesma linha, Eduardo Galeano faz uma leitura histórica desde a constituição/formação da América Latina até o presente momento.

Andrew Korybko nos provoca a pensar sobre a nova abordagem dos Estados Unidos da América quanto a interferência política, econômica e até mesmo militar na periferia do capitalismo ou em regiões estratégicas para a manutenção da hegemonia dos EUA no mundo. O referido autor discorre sobre as guerras híbridas e as chamadas revoluções coloridas que culminam com a derrubada de governos e sua substituição por outros mais simpáticos aos EUA, por exemplo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As nações-Estados estão em permanente contato entre si, estabelecendo relações das mais diversas naturezas e também com os mais variados objetivos, dependendo do grau de importância e atuação dessas nações no conjunto das relações internacionais.

O sistema-mundo moderno resulta de inúmeras interações entre as nações e suas variadas modalidades de atuação ao longo da história, buscando destacar aqui aquelas oriundas a partir do advento do capitalismo que reconfiguraram as relações internacionais e produziram desenvolvimentos desiguais por todo o globo.

O moderno sistema mundial é constituído, portanto, por uma economia-mundo em incessante expansão, cuja divisão de trabalho exibe uma tensão centro-periferia baseada na troca desigual; e por uma superestrutura política constituída por Estados nacionais formalmente soberanos, reconhecidos e constrangidos por um sistema interestatal. (WALLERSTEIN, 2000d: 254 apud ACCO, 2018, p. 715)

É o sistema capitalista o grande arquiteto das relações desiguais entre os centros de acumulação de riquezas e as áreas periféricas a eles subordinada e integradas cujas unidades geográficas são constantemente exploradas. Essa relação produz o que se denominou de desenvolvimento desigual e combinado, necessitando se manter assim para preservar a “harmonia” entre as nações. O sistema-mundo capitalista produz assimetrias que frequentemente se manifestam de múltiplas formas como em disputas comerciais, econômicas ou até mesmo militar. Elas traduzem os diferentes “esquemas de poder” entre centro e periferia no conjunto das relações internacionais, envolvendo a manutenção de certos status de poder, ampliação deste ou mesmo como reação à possibilidade de declínio de sua influência no contexto regional ou global.

As relações centro – periferia e suas assimetrias a elas associadas nunca estiveram tão evidentes como agora, expondo os diferentes mecanismos de exploração de riquezas das regiões periféricas do globo em direção aos centros de acumulação capitalista que tem ampliado o abismo econômico entre as nações dominantes e aquelas dominadas. A essa relação essencialmente desigual e cada vez mais exploratória sobre a América Latina, por exemplo, constitui o que Ruy Mauro Marini denominou de desenvolvimento desigual e combinado. Esta região globo que durante séculos foi colônia de exploração de Portugal e Espanha foi, posteriormente, explorada pelo poderoso império britânico que naquele momento comandava o sistema de acumulação do capital.

Forjada no calor da expansão comercial promovida no século 16 pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos, a América Latina contribuiu em um primeiro momento com o aumento do fluxo de mercadorias e a expansão dos meios de pagamento que, ao mesmo tempo em que

permitted the development of commercial and banking capital in Europe, supported the European manufacturing system and paved the way for the creation of the great industry. The industrial revolution, which begins with it, corresponds in Latin America to political independence that, achieved in the first decades of the 19th century, will give rise, based on the demographic and administrative structure built during the Colony, a group of countries that pass to revolve around England. (MARINI, p. 327, 2017)

É neste contexto que a América Latina se insere no sistema mundo da divisão internacional do trabalho na condição de fornecedora de artigos primários e outras riquezas em benefício dos centros de acumulação de capital, relação essa que configuraria um sistema de exploração na qual a América Latina, África e demais regiões periféricas se subordinariam pelos séculos seguintes. Essa divisão internacional do trabalho nutriria os países desenvolvidos com os bens e recursos naturais necessários à consolidação de suas posições de poder ao passo que estabeleceria uma relação de dependência que não mudaria nos séculos seguintes. As trocas desiguais, ao longo do tempo, subordinam cada vez mais as regiões exploradas à lógica perversa do sistema capitalista.

Desenvolvendo sua economia mercantil, em função do mercado mundial, a América Latina é levada a reproduzir em seu seio as relações de produção que se encontravam na origem da formação desse mercado, e determinavam seu caráter e sua expansão. Mas esse processo estava marcado por uma profunda contradição: chamada para contribuir com a acumulação de capital com base na capacidade produtiva do trabalho, nos países centrais, a América Latina teve de fazê-lo mediante uma acumulação baseada na superexploração do trabalhador. E nessa contradição que se radica a essência da dependência latino-americana. (MARINI, p. 337, 2017)

A condição submissa da América Latina atizou a discussão acadêmica sobre a dependência e mobilizou pensadores de diferentes visões a se debruçarem sobre o assunto, buscando, certamente, compreender as condições nas quais se encontrava a América Latina. Claudio Katz (2020) afirma que autores como Ruy Mauro Marini, Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra, cujas concepções marxistas de análise da dependência se somou ao pensamento complementar de Andre Gunder Frank confrontaram a visão de Fernando Henrique Cardoso que via a América Latina como parte de um processo de desenvolvimento associado, distante, portanto, de uma análise crítica das condições históricas e políticas que levaram a América Latina à dependência em que se encontra.

As nações-Estados latino-americanas mesmo depois do período colonial continuaram a servir às nações dominantes naquilo que a elas forem determinadas. Pior que isso é que não bastou servir, continuam a servir e ainda devem. Foram séculos de exploração e ainda se encontram mergulhadas em dívidas oriundas das trocas desiguais entre as nações saqueadas e aquelas que as saquearam. Seria basicamente como se o escravo ainda devesse ao senhor de escravo!

Eduardo Galeano, refletindo sobre a relação da América Latina é bastante preciso quando escreveu *As veias Abertas da América Latina*, livro no qual analisa a triste situação deste subcontinente com o saque sistemático de suas riquezas e sua subserviência às nações dominantes.

Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalçaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta. Passaram os séculos, e a América Latina aperfeiçoou suas funções. Este já não é o reino das maravilhas, onde a realidade derrotava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus das conquistas, as jazidas de ouro e as montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como um serviçal. Continua existindo a serviço de necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que ganham, consumindo-os, muito mais do que a América Latina ganha produzindo-os. São muito mais altos os impostos que cobram os compradores do que os preços que recebem os vendedores. (GALEANO, p. 5, 2000)

A América Latina exportou, como ainda exporta, riquezas e hodiernamente enfrenta extrema desigualdades. Seu solo é rico, mas seu povo é pobre. Exporta comida mesmo tendo milhões de famintos. Essa é uma contradição inerente ao modo como o capitalismo estabelece o papel/função de cada região do globo na composição do sistema – mundo moderno.

Diferentemente das economias centrais, que se vincularam ao mercado mundial criando a demanda de bens primários (matérias-primas e alimentos) para sua produção industrial e desenvolvendo as distintas esferas do consumo, a América Latina foi subordinada à economia capitalista produzindo a cisão entre mercado externo e mercado interno, a qual esteve imbricada em um primeiro momento com a cisão que se instaurou entre esfera alta e esfera baixa de realização. (LUCE, p. 114, 2018)

O declínio da Inglaterra como potência dominante não alterou o status da América Latina e sua função no sistema – mundo. Ela apenas foi reposicionada para continuar a servir à nova potência que havia ascendido ao posto de potência hegemônica. Quental e Porto-Gonçalves (2013) afirmam que a América Latina cumpriu um papel decisivo na consolidação da liderança europeia, principalmente entre os séculos XVI e início do século XX quando Portugal, Espanha e Inglaterra puderam exercer papéis dominantes no processo de colonização da África e América Latina, subtraindo suas riquezas e escravizando seus povos.

Cabe destacar que o processo de dominação de uma nação ou grupo de nações sobre outras se faz de diferentes formas, desde as mais brandas ou suáveis às mais duras e truculentas. Devin (2009), ao analisar a sociologia das relações internacionais, enumera uma série de mecanismos de pressão dos países dominante sobre aqueles dominados com vistas à manutenção das relações assimétricas de poder. Entre elas, segundo Devin, estão a diplomacia e suas missões oficiais; o recurso à força, no qual se utilizam a arma econômica, os recursos do

direito, instrumento este que faz uso do poder das regras e por fim o uso da força militar como recurso derradeiro, já que as ações militares diretas ou *hard power* implicam na realocação de parte significativa dos recursos econômicos com reflexos diretos na economia além de publicizar um grau de violência que em nada contribui para o reconhecimento do exercício legítimo de sua ação no “xadrez” internacional.

Existem, no entanto, outras formas de pressão ainda mais eficiente e menos onerosas financeiramente e que dificilmente geram má impressão ou mal-estar na comunidade internacional. As guerras híbridas, como são conhecidos os diferentes mecanismos de interferência estrangeira em assuntos internos de outras nações fazem parte do que se pode chamar de *soft power*, conjunto de ações coordenadas capazes de provocar grandes danos econômicos e desgastes políticos a partir de agitação social no país alvo. A Primavera Árabe<sup>2</sup> foi um dos melhores exemplos do *soft power* que teve como objetivo a desestabilização política e econômicas de algumas nações no Norte da África e Oriente Médio, culminando com a mudança de poder na maioria delas. Dessa forma, sem derramar sangue, é possível “sangrar” um governo, partido ou líder político até este não mais consiga se sustentar. São formas mais sofisticadas de conjugar desgaste político e econômicos com forte insatisfação popular, situações essas que frequentemente se traduzem em agitações sociais com grandes impactos políticos e econômicos e não raro comprometem a sustentação de qualquer governo.

As Guerras Híbridas dão um caráter fenomenológico de processo social espontâneo de agitação política que frequentemente culmina com o enfraquecimento de um governo ou líder político indesejável e sua substituição por outro mais simpático ao sistema dominante.

## A ASCENSÃO DOS EUA COMO NAÇÃO HEGEMONIA

A liderança dos Estado Unidos da América e sua transformação na “locomotiva” da economia mundial é incontestável. Sua hegemonia mundial resulta de inúmeros acontecimentos, principalmente ao longo do século XX, quando as duas guerras mundiais enfraqueceram o todo poderoso império britânico e demais nações europeias abrindo caminho para a consolidação dos Estados Unidos como maior potência econômica e militar do mundo. O centro de decisão capitalista passa a ser, a partir de então, a América do Norte sob a liderança estadunidense, projetando sua influência sobre as demais nações, com exceção do bloco socialista.

---

<sup>2</sup> Primavera Árabe, como é conhecida mundialmente, foi uma onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África a partir de 18 de dezembro de 2010

A Segunda Guerra Mundial representou um golpe fatal para as potências europeias e assinalou o fim dos impérios coloniais, que se efetivou, quase totalmente, nos anos 1960-70. A posição insular dos Estados Unidos, aberta para os dois oceanos mais importantes, contando desde cedo com os recursos do continente americano, “anexado” pela Doutrina Monroe e seus corolários posteriores, a possibilidade de atuar determinantemente no comércio mundial, além de um território bem provido de recursos naturais, criaram condições de suficiência relativa difíceis de igualar. (RUA, p. 61, 2013)

Saindo fortalecido da Segunda Guerra Mundial, empenharam-se então na tarefa de reorganizar o mundo e as relações internacionais sob seu domínio. Ao longo das décadas seguintes os Estados Unidos projetariam para o mundo sua moeda, seus valores, sua cultura e sua racionalidade, conjugando sua força econômica e, quando necessário, seu poderio militar para defender seus interesses no exterior.

A potência seria a capacidade de um ator conduzir outros atores a fazer algo que, em outras circunstâncias, não fariam. [...] a potência pode definir-se, em termos gerais, como a capacidade e a vontade de determinar as regras do jogo ou, pelo menos, de não deixá-las impor-se sobre si. (SMOUTS, 1980, apud DEVIN, 2009, p. 49)

Nesse sentido, a Conferência de Bretton Woods, o padrão dólar-ouro, a criação de instituições financeiras como Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial se tornaram os principais disciplinadores da economia mundial do bloco capitalista e mais tarde, com a dissolução do bloco socialista, do resto do mundo. Suas instituições financeiras, associadas ao padrão dólar-ouro, (ainda que mais tarde tenha havido o rompimento desse padrão e adoção de câmbio flutuante) garantiram, com folga, naquele momento, a liderança dos EUA na geoeconomia mundial em torno da qual gravitariam as demais economias do bloco capitalista.

Os países vencedores da guerra, capitaneados pelos Estados Unidos, a principal potência vencedora do Ocidente, reuniram-se em Bretton Woods para organizar o sistema econômico internacional, com estabilidade monetária e desenvolvimento econômico. Para tanto, foram criadas duas instituições fundamentais: o Fundo Monetário Internacional (FMI), que se encarregaria da estabilidade financeira mundial, e o Banco Mundial, cuja finalidade seria aportar recursos para o desenvolvimento e para a reconstrução dos países devastados pela guerra. Do ponto de vista cambial, os países concordaram em estabelecer paridades fixas entre suas moedas e o dólar. A moeda estadunidense, por sua vez, tinha o valor fixado em ouro. Os países podiam ter flexibilidade de variação de 1% para cima ou para baixo da paridade e só poderiam ultrapassar esse patamar em casos especiais de desequilíbrios graves. (COSTA, p. 151, 2008)

Sua consagração como arquiteto do mundo capitalista se deu com a mundialização do sistema capitalista no início da década de 1990 como resultado do desaparecimento do seu contraponto socialista. A partir daí as relações internacionais, em boa medida, eram extensões da projeção dos EUA em qualquer lugar do mundo.

Outro instrumento poderoso capaz de influir decisivamente nas relações internacionais é a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), organização militar do ocidente criada no contexto da Guerra Fria e que, a partir dos anos 1990, com a dissolução da União Soviética, passou a ter novas atribuições formais, convertendo-se em instrumento de pressão e chantagem dos Estados Unidos em diferentes regiões do planeta.

A conjugação do poder econômico (controle do dólar) com o poder militar (com ou sem a OTAN) tornam os EUA uma nação imperialista com influência direta ou indireta em qualquer lugar do planeta, podendo usar os mecanismos econômicos e militares de que dispõem para alcançar seus objetivos a curto, médio e longo prazo, buscando assegurar a manutenção das relações internacionais sob seu jugo e impedir a ascensão de possíveis opositores à sua hegemonia. A Organização das Nações Unidas (ONU), instituição criada no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial para evitar ou resolver os conflitos internacionais, sucumbe aos interesses das grandes potências. Os EUA exercem forte influência sobre a ONU e frequentemente desrespeita suas decisões no que compete às ações militares diretas ou apoia ações dessa natureza em diversas partes do mundo, contrariando, muitas vezes, o Conselho de Segurança dessa mesma instituição.

Costa (2008) afirma que

(...) os EUA vêm buscando transformar a ONU e o Conselho de Segurança em instrumentos de sua política internacional e utilizar as principais organizações multilaterais, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Internacional do Comércio como instituições a serviço de seus interesses hegemônicos. (COSTA, p. 34, 2008)

A expansão da OTAN em direção ao Leste-europeu, cada vez mais próximo à fronteira com a Rússia, reacendeu antigas tensões no campo geopolítico, com impacto imediato nas relações internacionais. A “incursão” da OTAN em direção aos antigos membros da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) incorporando-os ao corpo militar dessa organização, mesmo depois de a Rússia não mais ameaçar a liderança dos EUA, evidencia claramente como a OTAN se converteu em instrumento de pressão imperialista dos EUA no mundo, ainda que outros membros europeus subordinados discordem discretamente desse aparelhamento.

Korybko (2018) citando Mackinder (1919) afirma que *“aquele que controla o Leste Europeu comanda o heartland<sup>3</sup>; aquele que controla o heartland comanda a ilha-mundo;*

---

<sup>3</sup> Coração da terra – expressão usada para se referir à Eurásia (ilha-mundo).

aquele que controla a ilha-mundo comanda o mundo”. Percebe-se claramente uma clara intenção dos EUA em exercer seu poder sobre o Leste da Europa e a Ásia Central no sentido de controlar essa parte do mundo. Não é uma ação direta, mas uma ação na periferia daquele que já foi o império soviético. Por isso, Koribko, em seu livro *Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*, apresenta inúmeros conceitos desenvolvidos nos EUA na busca da reafirmação incontestável de sua hegemonia no mundo. Assim, Korybko (1919), cita *Rimland*<sup>4</sup> para se referir ao poder periférico ou poder da periferia (que hoje se expressa claramente na alimentação dos conflitos na vizinhança da Rússia ou da China, por exemplo) e *Shatterbelt*<sup>5</sup> para se referir às regiões em conflitos disputadas ou de grande valor para grandes potências. A desestabilização da periferia da Eurásia (nas proximidades com a Rússia) é altamente interessante para os planos hegemônicos dos EUA.

#### ASCENSÃO DE NOVOS ATORES NO CENÁRIO MUNDIAL

A hegemonia econômica incontestável dos EUA no campo econômico e sua capacidade de destruir qualquer economia em franca competição com os EUA acabou por ensejar diferentes formas de integração econômica pelo mundo. Assim, formaram-se as primeiras associações de países que se constituíram nos blocos econômicos, principalmente entre o final dos anos 1980 e início da década de 1990, com exceção do Benelux, que surgiu logo depois da II Guerra Mundial. Frente a concorrência feroz com os EUA, os blocos econômicos pareciam ser uma estratégia de sobrevivência dessas nações com níveis variados de expressão econômica. Costa (2008) afirma que os blocos econômicos fazem parte de um processo de macro organização econômica e política no sentido de absorver positivamente as mudanças estruturais do sistema capitalista em função da globalização.

Neste sentido, a formação desses blocos funcionaria como espaços supranacionais de acumulação, a partir dos quais poderia se desenvolver o processo de concorrência no ambiente novo da globalização. Em outros termos, os megablocos seriam uma forma de gerir a interdependência dos países centrais, a partir de cada bloco; de hierarquizar as ações políticas, as preferências comerciais, as vantagens comparativas e as reciprocidades entre as nações de cada área econômica, como forma de buscar uma regulação macroeconômica num patamar superior. (COSTA, p. 182 – 183, 2008)

Os blocos econômicos podem ser tanto uma estratégia de defesa dos interesses comerciais de um grupo de países que partilham de interesses comuns, a exemplo do Mercosul, como ser usado como estratégia econômica de dominação como aquela que foi desenhada pela proposta da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), fortemente rejeitada pelas nações

---

<sup>4</sup> Terra da margem, terra da periferia.

<sup>5</sup> Cinturões fragmentados.

do cone-Sul, com forte protagonismo do Brasil. O contraponto à ALCA foi o fortalecimento do Mercosul e suas propostas (para o futuro) de maior integração, cooperação econômica e melhoria da infraestrutura, - e isso não significa ausência de competição intrabloco. Nesse sentido, a maior coesão dos blocos econômicos como o Mercosul, por exemplo, implica, de certo modo, numa “ameaça” à imposição hegemônica dos EUA na região nos contornos da Doutrina Monroe.

A influência estadunidense na Europa também foi reduzida gradativamente com a reconstrução de suas economias e sua posterior integração. A adoção do Euro como moeda principal, a criação da zona de livre comércio, que resultou em maior dinamismo econômico, contribuiu para o enfraquecimento da influência econômica dos EUA na Europa. A União Europeia e a posterior consolidação do Euro, representaram um duro golpe na supremacia do dólar e na influência direta dos EUA sobre o Velho Continente e sua pretensão de torna-los mercados complementares. Mesmo assim, o Brexit, com a saída do Reino Unido da União Europeia, para além de uma postura individualista da Inglaterra, demonstra a capacidade dos EUA em produzir desagregações ao bloco ali constituído, arrastando o Reino Unido como coadjuvante nas suas ações militares pelo mundo, buscando criar assim uma impressão de legitimidade de ação no plano das relações internacionais.

A necessidade de melhor posicionar as nações emergentes no conjunto das relações internacionais sobretudo nas disputas comerciais contribuiu para o estreitamento dos laços comerciais entre diferentes nações do Sul global. Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul formaram os BRICS, um bloco de nações que ampliaram suas relações comerciais e econômicas e buscam não mais serem reféns do dólar, relativizando a supremacia econômica dos EUA. Esse declínio relativo do poder do dólar como moeda principal nas relações comerciais internacionais sinaliza, também, um gradativo declínio da influência Norte-Americana no mundo. O cenário no qual os EUA controlavam a moeda mais poderosa do mundo e, por conseguinte, as relações cambiais e comerciais pelo mundo, está sendo alterado pela adoção de outras moedas sem seu controle. Esse fato é particularmente interessante porque pela primeira vez, em décadas, os EUA não poderão impor suas sanções econômicas (instrumento de pressão) em todos os recantos do planeta como sempre fizeram, principalmente contra nações da periferia do capitalismo.

Em 2023 os BRICS aceitaram a adesão de seis dos vinte países candidatos a integrar o bloco econômico. Essas adesões alteram significativamente as relações econômicas e o equilíbrio de poder econômico no mundo. Arábia Saudita, Argentina, Egito, Emirados Árabes,

Europa e Irã são os novos integrantes desse bloco, o que implica em novos arranjos interestatais de grande importância para o conjunto das relações internacionais que podem representar um declínio ainda maior do poder dos EUA no mundo.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), embora distante do êxito da integração econômica e política da União Europeia, também constituiu um bloco econômico regional muito importante para o desenvolvimento das nações do Cone-Sul. Nesse caso, ainda que o comércio intrabloco não afete o poder do dólar nessa região do mundo, seu mercado regional é capaz de perturbar a influência econômica dos EUA nesse subcontinente.

Processos autônomos de integração e ou cooperação econômica como o MERCOSUL, BRICS e União Europeia buscam, com algum êxito, reduzir a influência estadunidense, abalando a supremacia econômica e sua capacidade de influir ou mesmo controlar o crescimento econômico de outras economias pelo mundo em benefício próprio.

#### GLOBALIZAÇÃO E INTERDEPENDÊNCIA

A globalização ampliou a integração e ao mesmo tempo a interdependência das nações entre si, principalmente nas questões econômicas e comerciais. Assim, acontecimentos geograficamente distantes, como a guerra entre Ucrânia e Rússia, afeta de diversas maneiras o sistema-mundo moderno e em particular as nações europeias que compravam o gás russo e agora o compram dos EUA a partir de suas empresas no Oriente Médio. A guerra na Ucrânia, mantida pelos EUA via OTAN, é um excelente mercado para a venda de armas convencionais, mas que pode colocar a Europa no fogo cruzado, expondo a impotência da Europa ocidental de se contrapor à compulsão Norte-Americana por mais uma guerra. Embora a OTAN ainda mantenha, na sua carta de intenções, seu objetivo de assegurar a paz, ela é, hoje, o instrumento político-militar que mais produz conflitos.

Na esteira das relações do sistema-mundo a China é, hoje, o único país que individualmente pode alterar decisivamente as relações internacionais não somente no campo econômico já que possui o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do planeta e é considerada a fábrica do mundo moderno. Cabe destacar também os crescentes investimentos no setor de defesa, que somado à Rússia constituem o contraponto militar mais importante da atualidade. Membro dos BRICS e dona do maior mercado consumidor do mundo, a China está ampliando sua participação em múltiplos setores produtivos e aumentando sua presença em espaços de ocupação pretérita de potências europeias e do EUA.

Os crescentes investimentos militares dos Estados Unidos, principalmente com sua retirada, por Donald Trump, do acordo de redução de arsenais nucleares com os russos e os constantes movimentos da OTAN no xadrez geopolítico das relações internacionais desencadeou uma nova e perigosa corrida armamentista que inclui, além da Rússia a China e suas implicações geopolíticas não só localmente, como na questão de Taiwan, mas para outras regiões do planeta também.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder mudam com o tempo. A geografia das relações internacionais, desde os primeiros impérios que dominaram vastas extensões do globo até a ascensão do império britânico e mais recentemente o norte-americano, mostram o caráter dinâmico e transitório das relações de poder no tempo e no espaço. No presente momento é possível que estejamos assistindo ao declínio (relativo) da hegemonia dos Estados Unidos com a ascensão da China e outros atores no cenário internacional. Ainda que o poderio econômico e militar dos EUA possa permanecer por muito tempo, seu poder de influenciar a grande maioria das nações subdesenvolvidas por várias regiões do globo pode estar mudando. Parte desse poder resulta do controle quase absoluto das relações cambiais e comerciais proporcionadas pelo dólar, mas isso pode mudar com a criação de outras moedas como o Euro e a moeda a ser criada pelos BRICS, por exemplo.

A consolidação dos blocos econômicos pode, igualmente, dinamizar novos espaços econômicos sem a participação determinante dos Estado Unidos sinalizando assim para um declínio relativo do poder econômico desta nação sobre outras, sejam elas da Europa, Ásia, América Latina e outras regiões periféricas do globo.

## REFERÊNCIAS

ACCO, M. A. Os Estados, o sistema-mundo capitalista e o sistema interestatal: uma leitura crítica das contribuições de Immanuel Wallerstein. **Revista de Economia Política** 38 (4), 2018 pp. 708-730

COSTA, E. A globalização e o capitalismo contemporâneo. 1º ed. São Paulo: Expressão popular. 2008, 216 p.

DEVIN, G. Sociologia das relações internacionais. Salvador – BA: EDUFBA, 2009. Tradutor Carlos R. S. Milani.



GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 307p. Título original: Las venas abiertas de America Latina. (Coleção Estudos Latino-Americanos, v.12).

KATZ, C. A teoria da Dependência 50 anos depois. 1º ed. São Paulo: Expressão popular. Tradução: Maria Almeida. 2020, 384 p.

KORYBKO, A. Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão popular, 2018. Tradução de Thyago Antunes.

LUCE, M. S. Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica. 1º ed. São Paulo: Expressão popular. 2018, 271 p.

MARINI, R. M. Dialética da Dependência. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 325–356, 2017. DOI: 10.9771/gmed.v9i3.24648. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/24648>. Acesso em: 6 out. 2023.

QUENTAL, P. A; PORTO-GONÇALVES, C. W. América Latina e a colonialidade do poder. In: Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Rogério Haesbaert. (Org.). 2ª ed. Niterói: RJ, Editora da UFF, 2013. 218 p.

RUA, J. Estados Unidos: ainda uma potência dominante no século XXI? In: Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Rogério Haesbaert. (Org.). 2ª ed. Niterói: RJ, Editora da UFF, 2013. 218 p.